

CARTA A PAULO EMILIO

DOSSIÊ
GUSTAVO
DAHL

Paulo, meu querido

Até um pouco antes de Sestri Levante me enganaram com uma possível vinda tua. Pra que escrever se o bicho vem aí? Depois houve o congresso, e eu deixei para fazer tudo junto. Mas depois os acontecimentos desencadearam a sua furia, exame na escola, Glauber em Roma, mãe e padrasto em Roma, festival de Porreta Terme. Mas foi bom uma chamada tua para não adiar mais o inadiável, mesmo porque a tendência da vida é agitar e não calmar. Pela ordem.

Não li as crônicas do Novais e não sei que tipo de ecos você recebeu. E estou completamente de acordo a respeito das responsabilidades CB no caso. Você verá de que tipo. A verdade é que os brasileiros chegam aqui e não realizam que não é exatamente a mesma coisa que o Brasil. Pra clarificar as ideias, eu te direi que o Brasil perdeu de três a um, três gols contra marcados por A Grande Feira, Walter da Silveira e Anselmo Duarte, um a favor marcado pela participação de Glauber. Este seu criado, em new look, falou pouco, traduziu pra burro e trabalhou para que fosse dado um prêmio a Couro de Gato. É bom precisar que Couro de Gato não foi por mim computado como gol, porque foi um prêmio mex-aque com Colina Lenin (Cuba), e porque os vexames da parte brasileira, por uma questão de proporções, reduzem o prêmio a uma simples bola na trave, um meio-gol. Meu trabalho não teve porém nada de conchavo, se reduziu a fazer que o júri de curta-metragem visse o filme. Eu sabia que era filme pra prêmio e estava alarmado que até o último dia, até meia hora antes da deliberação final do júri, ninguém tinha se preocupado do destino do filme. O filme chegou no último dia e o portador da Embaixada estava calmamente tomando seu café a espera que alguém lhe solicitasse a cópia. Podia ter esperado sentado...

A Grande Feira não é um filme que mereça sair do Brasil. Nada no filme é bom. Se fosse reüssi seria um bom filme classe B, com laivos de revolução. Como é é um monstrengo, no qual só escapa a promessa entrevista em certos momentos, a morte do soldado, a morte do paralítico, de um talento de diretor comercial de pequenos filmes. Na Italia chamaram de "fumetti" isto é foto-novela. E é falso apelar para o alibi da fabulação popular. O sentido anarquico revolucionario é completamente não assimilado, alguém disse que é um filme de esquerda com tomadas de direita. Para mim nem isso é, é um filme de um pequeno burgues, interessado pela técnica cinematografica, uma vocação de artesão que um dia encontrou um jovem intelectual que lhe turbou as ideias de maneira que ele quis conciliar sua vocação artesanal, primitiva, com uma certa noção de autoria, ainda mais primitiva. E é inútil enviar filme sem legendas, ninguém entende, não tem repercussão nenhuma. E quando não se entende, as coisas ridículas saltam muito mais a vista.

PE/CF. 1963

O vexame porém começou depois. Após o filme haveria uma mesa redonda sobre o cinema brasileiro, composto de Walter, Anselmo, Glauber e eu. Durante a preparação da mesa redonda eu tinha tentado manobrar para que falasse por primeiro Glauber e os outros respondessem a perguntas. No fundo Glauber era o unico que eu conhecia. Mas Glauber me sugeriu de dividir a coisa em duas partes: Walter faria uma introdução cultural e ele colocaria depois a situação atual do cinema. Como era sugestão do Glauber, como Walter da Silveira

Quem fica pergunto eu? Quem fica de consciante e responsavel e capaz? Ninguem. Nossa escolha e como nossas eleicoes, votamos sempre no menos pior. Fica voce, o teu trabalho, a Cinemateca, mas nenhuma destas coisas vai pra frente. Você não vai pra frente por fadiga, por não conseguir vencer esta contra-mare. Fica então se erguendo em monumento, falo de alguns artigos sobre cinema russo, anarquismo etc., fica publicamente escrevendo tuas memorias, aos 45 anos de idade, falando da tua maturidade, perplexa mas consciante, e isto num momento que daquilo que voce quiz fazer tem muito pouco de feito. Você assume atitudes de aposentado quando devia se considerar um rapazinho no primeiro emprego. Você perde um pudor que e teu e faz tua infelicidade tao publica que te obrigam a tomar ferias. E voce aceita. Depois vem Dina, e deixe-me dizer tudo o que eu senti lendo tua carta, contente que voce a tenha encontrado e se reencontrado, e que me tenha contado. Mas Paulo que pretensão falar em amadurecimento. Se tudo se passou à margem do teu amadurecimento, o que leva a pensar a respeito da natureza dessas margens inesperadas", você deveria muito mais duvidar do teu amadurecimento que se ocupar das "margens inesperadas" que indeterminadas que são não admitem codificação ou raciocínio. E se eu aos vinte e três anos vejo meu amadurecimento como uma conscientização de minha imaturidade e sobretudo como uma tentativa de eliminar toda complacência e decadência - complacência e decadência - não vejo porque deve ser diverso com você. E se neste momento eu sinto que no-

Eu começo a ter sérias duvidas que você lerá este folhetim por inteiro, e porisso vou encerrar com umas noticias pessoais. Os acontecimentos mais importantes são o filme que fiz na escola e o cessamento da bolsa. O filme é de dez minutos, feito sobre gravuras de Holbein, a Dança Macabra, reproduzidas de um livro comprado no Alvaro, conte a ele e dê lembranças, no espirito do Van Gogh do Resnais, isto é a dramatização de certas imagens e sequencias de imagens. Ainda não está pronto, tenho que fazer a montagem da coluna sonora e retocar a montagem da imagem em função da musica, Linda, toda Vivaldi. Texto de um minuto, de um amigo meu, recitado no meio do filme sobre imagem branca, sem ter nada que ver com o peixe. O chato é que o Centro não me deixa ter uma copia, e fazer um contratipo escondido será difícil porque eu sou muito mal visto. Este ano continuei a faltar a um bocado de aulas, num dos filmes em que trabalhei como assistente de direção, zanguei-me com a diretora de produção e pulei em cima dela para dar-lhe uns tapas, o que me valeu suspensão da escola e entrevista com o diretor, e no exame levei a maior bronca porque quando eu estava rodando meu filme usei mais película daquela a que tinha direito, sem pedir autorização pra ninguém. Fui aprovado nos exames, estão somente esperando que eu termine o filme para me dar o diploma. A cessação da bolsa data de há um mês. Eu tinha pedido ao Rio, a Embaixada Italiana, uma prorrogação que me permitira fazer os estagios que não fiz em Milão e Turim, ~~xxxxx~~ e em Roma dois, um num grande laboratorio, outro num estudio. A coisa gorou, não se dignaram mesmo de responder. Eu em vez de malhar em ferro frio, e esperar o que depois não virá e ter perdido o tempo, prefiro me virar. Julho foi vivido com o dinheiro do Congresso

PE/C.P. 1553

Eu não sei se esta carta tem fatos, impressões ou ideias, muitos e muitas, mas de qualquer maneira tenho certeza que algo deve ter muito pois senão eu não chegaria a duzia. A verdade é que quando eu começo não termino mais, gostaria ainda de continuar a escrever, sobre Jules et Jim, minha vida particular, o problema da palavra no cinema, meus planos, o diabo... A irresponsabilidade estilística e logica de uma carta me estimulam, oxalá eu escrevesse outras coisas com o mesmo fervor. Falando nisto quero receber todos os artigos do Estádão que não recebi e continuar a recebe-los normalmente.

Ainda há poucos dias me contaram que você vinha a Bergamo, para o Festival. Vê se arranja uma data em que você prometa vir, assim eu começaria a diminuir deste prazo o tempo que passa, que então será mais leve.

Abraço enorme, como a carta, do teu

Mur
25
Paulo
1962

*P.S. Concerte jungle d'art
- tuu, tuu beam file.*

PE/C.P. 1553